

O masculino em nós, uma almejada e ameaçadora experiência¹

Cleuza Mara Lourenço Perrini,² Curitiba

Resumo: A autora trata da masculinidade narcísica, própria da qualidade do masculino, quando centrada na ilusão da própria virilidade, que se contrapõe com a função do masculino em nós, que executa e que faz, na busca do outro, por sentir que por si só não se basta. Freud elegeu o falocentrismo como central na sua teoria e ponderou que ter ou não ter o pênis, assim como a ameaça de perdê-lo, traz consequências psíquicas. A partir da ideia central de Freud, a autora considera que o almejado pênis – não o real, físico, palpável, mas aquele cuja qualidade e função lhe certifica força e segurança – pode viver em constante ameaça pela insegurança produzida diante da necessidade de ter um abrigo natural, um continente que o acolha. Essa necessidade vem acompanhada pelo inerente sentido de passividade gerador de angústia.

Palavras-chave: masculino, feminino, bissexualidade psíquica, diferença, in/segurança

*Sabe lá o que é não ter
e ter que ter pra dar*
DJAVAN, “Esquinas”³

Freud elegeu o falocentrismo como central na sua teoria. Em “Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos”, pondera que ter ou não ter o pênis, assim como a ameaça de perdê-lo, traz uma consequência

- 1 Trabalho apresentado em reunião científica na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) no dia 26 de agosto de 2021.
- 2 Membro efetivo, docente e didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Membro fundador, efetivo e docente com função didática do Grupo Psicanalítico de Curitiba (GPC).
- 3 As demais epígrafes neste trabalho são da mesma canção.

psíquica que “requer urgentemente verificação, para que se reconheça se tem valor ou não” (1925/2012, p. 286).

Com base em sua ideia central, considero que o almejado pênis – não o real, físico, palpável, mas aquele cuja qualidade e função lhe confere força e firmeza – pode ficar ameaçado diante da necessidade de ter um abrigo natural, um continente que o acolha. Birksted-Breen (1996) procura distinguir o que seria o pênis-como-ligação (Eros) do *phallus* (Tânatos, que destrói a ligação), pois ambos pertencem a organizações psíquicas diferentes. Relaciona o *phallus* à falta inerente, à incompletude da condição humana, que representa uma completude ilusória. Associado à “potência fálica”, o *phallus* pode se assentar mais no poder e no domínio, e menos no vigor da penetração com finalidade de ligação. No entanto, a autora ressalta que, em ambos os casos, eles vêm acompanhados de angústia pelo sentido de passividade inerente à busca por recepção e consequente abrigo.

Essa angústia com sentido de passividade sugere pensar que o pênis, sob o *signo da falta* (Gibeault, 1998), configuraria a sua incompletude ao necessitar ser contido, desconstruindo a sexualidade do menino como “completa” ao ter um “órgão sexual adequado” e uma “sexualidade específica desde o começo”. Pretendo, desse modo, que o diálogo proposto entre o físico e o psíquico permita a interface dos fatores de conjunção e disjunção frente ao almejado e ameaçado masculino em nós.

O continente (♀), ao aceitar e receber o conteúdo (♂), não o impede de ter mobilidade. O espaço/limite encontrado possibilita o movimento. Só assim poderá haver o embrião da vida mental, como Bion (1963/2004) preconiza, com a ocorrência da interação do feminino (♀) com o masculino (♂) na mente, ao transformar o até então conteúdo (ocorrido na relação) em continente/contido (♀♂). No entanto, quando existe a fantasia de uma superioridade masculina (complexo de masculinidade na vida mental), esta fica ameaçada e, muitas vezes, se expressa nas relações interpessoais pelo controle e desprezo, como prenúncio aversivo à considerada “inferioridade” feminina, sentida como mutilada.

A epígrafe musical pretende anunciar essa almejada atração humana, que igualmente atemoriza: “Sabe lá o que é não ter e ter que ter para dar”. Isso se manifesta, intrapsiquicamente e intersubjetivamente, revelando a temida castração (dentro do monismo sexual fálico) e/ou a ameaça de “não ser aceito” na diferença (bissexualidade psíquica integrada), sinônimo de incompletude, única favorecedora do encontro entre a função masculina e a função feminina da mente. Mas a indiscriminação nesse encontro pode ser reveladora de graves perturbações presentes nas imprevisibilidades da vida, não somente no desenvolvimento psíquico. Assim, procuro fazer aproximações que permitam o desarme de elementos que “caracterizam supostos básicos de guerra, numa

O masculino em nós, uma almejada e ameaçadora experiência

dinâmica primária de automatismos protomentais e mentais” (Sapienza & Junqueira Filho, 2004), primeiramente dentro de nós mesmos.

Ameaças de recorrência de novos colapsos mentais originam-se de material de recalque malignamente comprimido, que fica encravado, qual bomba atômica de alto poder energético de fusão e fissão. Se não for desarmada a tempo, poderá vir a ser detonada pelos acasos da vida com o surgimento de novos desastres, não só mentais. (Sapienza & Junqueira Filho, 2004)

Esses fatores de disjunção, presentes na crença narcísica de que o masculino é completo e o feminino é mutilado, trazem a impossibilidade de uma “liberdade necessária para novas recombinações” (Bion, 1962/1980, p. 151), sendo impeditivos da constituição do ser psíquico propiciador da conjunção continente/contido (♀♂), elementos formadores do par criativo.

Para melhor compreensão das palavras utilizadas por mim, faço referência a Paim Filho, que, “visando uma maior especificidade”, delimita os termos “*feminilidade* e *masculinidade* à identidade de gênero”, reservando o termo *feminino* à “característica de fundante do psiquismo” (2014, p. 3). O termo *masculino*, eu o vinculo ao esforço rumo à instância psíquica estruturante que separa e une, à medida que o outro passa a existir.

Ser para dar/diferente de agir

*Sabe lá o que é morrer
de sede em frente ao mar*

A masculinidade narcísica, própria da qualidade do masculino, quando centrada na ilusão da própria virilidade, contrapõe-se à função do masculino em nós, que executa e que faz, na busca do outro, por sentir que por si só não se basta. Desse modo, a elevada estima ao órgão masculino – sob o vértice tanto anatômico quanto falocêntrico – transparece, muitas vezes, em atitudes de pouca consideração à mulher (em questões de gênero, machismo), de aversão e até de horror a ela (Freud, 1937/2018), podendo ser também uma forma de expressão da abominação do feminino em si mesmo.

Sendo assim, seja áspero, sonoro, beligerante, abuse e fetichize as mulheres; seja amigo apenas de homens, mas também odeie os homossexuais; fale palavrões; despreze as atividades femininas. O primeiro regulamento da profissão de ser homem é: não seja uma mulher. (Stoller, 1985, p. 243)

Essas manifestações do comportamento masculino – endossadas pela sociedade e com discurso próprio para convencer, sem pudor, mas com poder – mostram-se em manobras defensivas contra atributos próprios do feminino, vividos em si mesmo com temor e rejeição (Freud, 1937/2018). Considero que elas podem ser provenientes da *fase da protofeminilidade* (Stoller, 1985), em que a fusão com a mãe, nos primeiros meses de vida dos bebês de ambos os sexos, não causa problemas na menina. No entanto, pode muitas vezes ser rejeitada pelo menino, no espaço do feminino primário, da constituição da bissexualidade psíquica formadora da mente (Guignard, 2009), em que se dá a aceitação da diferença dos sexos. Tal experiência pode vir a ser bastante ameaçadora, presente muitas vezes na crença do menino de que o próximo a ser mutilado seja ele próprio, pois assim foi inicialmente vivido na relação primeira, quando inaugurada a presença da alteridade – e portanto da necessidade de amparo diante do terror de não ser aceito.

A consequente e exclusiva valorização no fazer, produzir e executar, como presente na violência e na troca de acusações (masculinidade tóxica), contém também o horror ao feminino (o feminino em si mesmo), internalizado como castrado, impotente e submisso. Não é raro pensarmos que isso possa ser expressão de uma precoce e imatura superação da rivalidade do feminino, oculto, primordialmente vivido e perdido (útero materno), em sua mais profunda e visceral verdade, que contém o lado mais sombrio, ferido e incurável: nossa primeira relação. O feminino pode ser interminavelmente reeditado como sinônimo de perda do primeiro objeto (luto não elaborado registrado como recusa), manifesto na eterna busca idílica por reencontrá-lo, muitas vezes expresso como algo a ser rejeitado ou mesmo temido, tornando estereis as relações consigo próprio e com o outro. Essa primeira inscrição do feminino em nós, fundante do psiquismo, instaura a necessidade, sendo portadora do amparo e do desamparo que nos fere narcisicamente pela dependência do outro.

No entanto, ambos, menino e menina, têm uma necessidade de proteção contra a imago materna primitiva, por ser o feminino o “lugar do mistério e da morte” (Gibeault, 1998, p. 178), o “portador da má notícia, do desamparo, da morte, [pois nos remete] aos mistérios das origens do vir a ser humano” (Paim Filho, 2014, pp. 4-5). Isso é vivido como identificação feminina primária, em que menino e menina precisam assumir a perda do primeiro objeto e introjetar a mãe como escudo protetor, porque o desejo de separação e fusão se torna intenso. Mesmo que ambos possam ter destinos semelhantes, é fundamental a diferença vivida pelo menino, devido à necessidade de se “desidentificar da mãe arcaica e tornar possíveis as reidentificações secundárias” (Gibeault, 1998, p. 179). A desidentificação pode permitir que ele deixe de lado a angústia da perda da completude, sem temer ou invejar o pai nem o poder criador da

mãe, e renuncie à plenitude narcísica. Essa transformação necessária remete à constelação edípica e à possibilidade de “movimentos de liberdade, que cada um de nós precisa ter para se inventar” (Vannucchi, 2009, p. 69).

Também podemos sugerir que o falocentrismo na obra de Freud talvez signifique um agravo diante da ameaça de castração, uma determinação de que o pênis não pode ser “perdido”, como as fezes, consideradas um “pedaço do próprio corpo” (Freud, 1918/2010, p. 113). Desse modo, a primazia do falo (não à toa significa pênis sempre ereto), mais que configurar sua importância na diferença, concorre para a negação desta. Privilegia, portanto, a busca pela existência de um domínio único como forma de defesa diante da ameaça premente e inevitável da perda do seio (Klein, 1957/1991) – não só da perda do leite, mas de todo o objeto primário, tão próximo e depois inacessível, ainda mais quando não se pôde contar com uma mãe suficientemente acolhedora. “Sabe lá o que é morrer de sede em frente ao mar.”

O modelo anatômico proposto por Freud pode vir em nosso auxílio, aproximando-nos mais facilmente do fenômeno psíquico, na esperança de que, ao olhar para o que está fora, possamos olhar o que está dentro sob o viés das funções psíquicas da mente. Isso é primordialmente experimentado com a mãe quando as necessidades básicas de alimento e proteção são vividas de maneira ativa. A fome é atendida com a penetração do seio na boca, e o leite, que precisa ser sugado, pode encontrar um abrigo interno para ser assimilado e tornar-se nutritivo. O pênis (seio) se submete a uma boca (vagina) ativa que suga e recebe, realizando a bissexualidade psíquica integrada. Assim como a vagina – que no seu ato de recepção ativa contém e abraça – o pênis manifesta sua necessidade ficando ereto, rijo, para ambos potentemente se ligarem, unindo mãe e pai, feminino e masculino (♀♂). Essa ligação sustenta o funcionamento mental bissexual e edípico com função estruturante para o processo de pensamento.

Escrever/publicar

*Só eu sei
As esquinas por que passei
Só eu sei, só eu sei*

Podemos aferir essa experiência na dinâmica vivida quando escrevemos e/ou publicamos um artigo como este, por exemplo, trazendo ideias distintas para quem o lê, o que, no entanto, reflete a busca de que escritor e leitor se encontrem na fertilidade, no respeito às diferenças de ambos. A propagada ideia de que o escrever, o criar, o produzir (função masculina), por si só baste é uma atitude psíquica de negação da necessidade de ser recebido, acolhido e aceito (função feminina).

É indelével em mim uma experiência vivida nos idos anos de 1990, quando, em uma atividade acadêmica, disse a um professor – a quem admirava e considerava – que tinha lido seu trabalho sobre atendimento psicanalítico a famílias e o apreciado muito. Era um intervalo de nossa atividade, no tempo em que fumar em sala de aula era comum, e ele, demonstrando satisfação ao ouvir meu elogio, parou imediatamente de fumar e me perguntou do que eu havia gostado. O seu olhar expectante e interessado – aguardava-me falar (até o cigarro tornava-se cinzas no chão) – me desconcertou. Eu tinha apreciado a sua escrita clara, bem como a sua abordagem teórico-clínica, que fez muito sentido para mim (mas só consegui pensar isso depois). Sem poder me expressar, acreditando que ele quisesse saber do “conteúdo” do trabalho admirado por mim, premida pela investida inesperada, fiquei imóvel. Lembro-me ainda de ter me julgado leviana no meu elogio, por ter sido incapaz de recordar pelo menos um tópico do seu artigo. A aula então foi retomada, e lembro ter ficado um tempo olhando o professor e pensando que afinal ele não era assim tão “foda” como eu o via, pois o senti inseguro e carente, por “necessitar” de algumas palavras minhas sobre o seu trabalho.

Passaram-se muitos anos quando vivi algo semelhante e, de modo pungente, me lembrei daquela experiência. Em 2015, quando saiu meu primeiro artigo publicado na *Revista Brasileira de Psicanálise*, um colega me abordou dizendo que havia lido meu trabalho e gostado muito. Percebi, de imediato, que me segurei para não perguntar a ele do que havia gostado, pois tinha sido assaltada pela lembrança relatada. *Après-coup* me dou conta do que procuro trazer para pensar aqui, sobre a força posta e esperada do masculino ser sinônimo de autossuficiência. Costumamos conferir a ele poder e potência, afirmar que independe de abrigo, para fazer jus à descarga tensional/prazerosa, como acontece fisicamente na relação sexual. No entanto, Nepomuceno diz acreditar que os homens são mais “inseguros sobre sua masculinidade à medida que percorrem um caminho mais complexo” (citado por Greenson, 1998, p. 265). A “publicação”, própria da função masculina, vive essa experiência a cada empreitada, na expectativa controversa de aceitação ou recusa... Temores vindos... das “esquinas por que passei, só eu sei”.

Ternura/agressividade

Só eu sei

Os desertos que atravessei

Só eu sei

Lúcia se apresentou como uma mulher “furiosa, teimosa, sem eira nem beira”. Pelo fato – segundo a perspectiva dela – de ter se insubordinado ao que

considerava uma tentativa de domesticação por parte da mãe, apanhou muito dos pais. Disse que isso a deixou revoltada, mas que depois cedeu. É evidente, porém, que uma emoção não suprimiu a outra. Demonstrava muita raiva por não ter o controle da empresa em que trabalhava – queria saber de tudo o que se passava dentro dela – e mais ainda por se considerar “sabedora” de tudo o que os “outros não percebiam”.

Na análise passou a valorizar ter o controle de suas emoções como forma de aceitação do trabalho analítico. No entanto, a trama sutil se reapresentava em sua relação comigo, para assim que possível dar o bote e tornar-se “a sabida” sobre o “meu saber”. Depois, passou a se considerar “a fodona” pela sua eficiência na empresa, até ser mandada embora. Disse, então, que o pai era o culpado por tê-la abandonado à própria sorte, e que seu destino era ficar sozinha e apanhar da vida. Vimos que oscilava entre o apanhar e o bater. Sua extrema solidariedade com os “carentes” remontava à pena que tinha de si mesma, a “coitada”, que não nasceu homem e foi incapaz de impedir a saída do pai de casa, uma vez que ele queria muito “ter tido um filho macho”.

Em uma sessão Lúcia chegou feito um homem ruidoso. Seu vozeirão tomava conta da sala com a intenção evidente de me intimidar. Era habitual ela ter opinião sobre tudo. Dedicava-se o tempo todo a encontrar nexos nas coisas e repetia suas histórias como para encontrar algo novo nelas que explicasse melhor as coisas, sempre melhor que na vez anterior. Nesse dia, seu jeito não era diferente. Buscava desenfreadamente que nada lhe escapasse, para assim poder agir com segurança e presteza. Agir era a sua necessidade. Disse que sua amiga, que tinha tido um bebê, sentia-se marginal, enterrada viva na obscuridade, e que aquela sessão era para saber como ajudá-la. Esse clima se prolongou por quase toda a sessão, até que me lembrei fortemente de uma cena do livro *Afetos ferozes* (Gornick, 2009) que muito havia me tocado, pela descrição clara e atordoante das emoções vividas nas relações, sobretudo entre mãe e filha. Mesmo sentindo que eu pudesse estar plagiando o livro, disse a ela que toda aquela conversa não tinha o poder de dissolver seu isolamento e sua necessidade de companhia. Demonstrando surpresa e susto, ela observou aliviada que, de fato, sentia-se sozinha, mas que ali, comigo, não se sentia solitária. Constrangida, comentou que a amiga, na verdade, tinha uma linda vida interior. Tocada e envolvida por sua fala, tal era a sinergia do lido no livro com o vivido ali, e sentindo que ela também vivia comigo essa emoção, eu disse que ela própria estava surpresa por ter aquelas palavras ternas dentro de si.

Um pouco antes, no início da sessão, eu havia pensado que ela não gostava daquela conversa repetida, monocórdica, violenta consigo mesma, e que duvidava (ou temia) não ter um mundo interior fértil. Terminei a sessão dizendo a ela que, mesmo assustada, abrigou em si a ternura que mais temia sentir.

O comportamento agressivo pode ser a maneira encontrada pela criança de não voltar à união primeira e fusional com a mãe, como forma de vigor e energia, a fim de poder viver a separação. O masculino em nós pressupõe a primeira e inicial separação vivida pelo feminino e, portanto, a existência da relação de objeto, à medida que passa a existir o outro. Klein (1928/1996a) sugere que manifestações excessivas de masculinidade vêm como compensação para as angústias derivadas do período de fusão com a mãe, momento feminino vivido como tal. É o pai pré-edípico que faz a lei ao separar mãe e filho com segurança, permitindo um caminho ao masculino que, se bem-sucedido, leva à possibilidade da heterossexualidade (bissexualidade psíquica), que é a aceitação da diferença. Esta provém, sob a forma de ternura, da relação amorosa com o pai pré-edípico (Vannucchi, 2009), permitindo suportar a dor mental e a alteridade – como Freud assinala, quando “há uma identificação de natureza terna com o pai” (1925/2012, p. 287). O “pai se inscreve no espaço potencial entre a mãe e a criança como instância terceira, separadora, mas também como objeto de amor” (Carneiro & Lazzarini, 2018, p. 601).

Para Freud (1918/2010), o ato criativo de formar um bebê em si implicaria que o homem desse o pênis em forma de bebê à mulher, para compensar sua inveja do seio materno, bem como para possibilitar a elaboração da ameaça de vir a ser castrado, à medida que, no coito, o pênis desaparece. Essa reparação ameniza sentimentos hostis do filho não ser dele, uma vez que não é produzido em seu próprio corpo. Essa atitude pode contribuir para a coexistência de duas correntes ameaçadoras que ele abomina – uma, a sujeição; a outra, a aceitação – e, assim, permitir que seja capaz de tornar-se pai. Da mesma forma, no relato clínico mencionado, aceito ser o pai da ideia (e não a plagiadora do livro) que, em reverie, deu significado à experiência em que Lúcia, junto a mim, vislumbra ter uma vida interior, um espaço mental passível de criação, em companhia fértil (Birksted-Breen, 1996). Ela vive o masculino não ameaçado, contido pelo feminino potencial interno, integrando-os, a fim de “na correnteza do amor ... saber se guiar” (Djavan, 1984).

No romance *Orlando*, cujo protagonista viveu 300 anos e experimentou ser homem e mulher, Virginia Woolf descreve com outras palavras a realização desse fenômeno:

Começou a ficar nervosa, com medo de ladrões escondidos no forro da casa e com medo, pela primeira vez na vida, de fantasmas pelos corredores. Todas estas coisas a levavam, passo a passo, a submeter-se à nova descoberta, ou de quem quer que fosse, de que a cada homem e a cada mulher corresponde outro, por toda a vida, que o suporta e por quem é suportado, até que a morte os separe. (1928/1978, p. 137)

O masculino em nós, uma almejada e ameaçadora experiência

Psíquica e concretamente, a busca desenfreada de Lúcia por produções, resultados e realizações serve para compensar a ausência do visível valorizado e palpável, a fim de se considerar com valor, quando o espaço potencial feminino interno ficou registrado como oco e vazio (Perrini, 2022).

É o encontro com o diferente – bissexualidade psíquica integrada – que nos convoca à necessidade e, conseqüentemente, à criatividade. A harmonia entre realizações internas e externas pode habitar homens e mulheres – nossa parte feminina e masculina da mente –, numa conjunção em que a rivalidade não se sobressaia frente ao espírito agregador e parceiro, dentro de nós mesmos, como a música também anuncia: “A nave em breve ao vento vaga de leve e traz toda a paz que um dia o desejo levou” (Djavan, 1984).

Comentários finais

Observo que nos deparamos com duas questões complexas a ser consideradas:

1) A presença da sujeição na função feminina da mente, que anuncia o amparo/desamparo e a necessidade (por conter em si angústias de aniquilamento), mesmo que sujeição não queira dizer passividade nem submissão, mas a possibilidade do indivíduo vir a se tornar sujeito.

2) A presença da in/segurança na função masculina da mente que promove a separação/união (por conter em si angústias com sentido de passividade diante da necessidade de ser aceito e acolhido), mesmo que a in/segurança não diminua o vigor da penetração para que ocorra a ligação.

Estamos em face de uma ferida narcísica que declara nossa incompletude. Essa incompletude se baseia na sujeição (feminino como fundante do psiquismo) e na busca por aceitação (masculino como instância psíquica estruturante que liga e separa), vividas inelutavelmente nas experiências primárias quando estamos sujeitos a uma *mãe insubstituível* (Klein, 1940/1996b).

Antes que o indivíduo comece a reconhecer a experiência vivida, ele já está sujeito a ela, assim como o verbo, na gramática, necessita de um sujeito. No entanto, o bebê não é passivo. Do mesmo modo, Lúcia nada tinha de domesticada; raivosa, convocava a analista com sua maneira de manifestar sua repulsiva necessidade.

Lúcia demonstra que pode realizar esse encontro ao se aproximar da analista (do outro) e de si mesma, e assim se encontrar, sem ressentimento, retaliação ou acusação, não para tomar conta de tudo, mas para dar conta das emoções e poder pensar. A surpresa vivida de se ver isolada e necessitada atribuiu um significado à experiência na forma de cooperação ao vínculo ameaçado. Isso foi acolhido por nós e, assim, ela pôde descobrir-se terna, em

inspirado movimento vivo, diferente da vulnerabilidade até então sentida como ameaçadora de sua integridade, expressa por meio da sua “brutalidade”. A aceitação de se ver separada de mim foi nominada pelo sentido isolamento, quando a solidão se fez acompanhada.

Feminino e masculino podem se encontrar em uma bissexualidade constitutiva assimétrica, em continente/contido (♀♂); integrados em uma unidade interior, podem propiciar confiança na capacidade criadora e, a partir desse limite/infinito, quando tolerado, ir além.

Lo masculino en nosotros, una experiencia deseada y amenazante

Resumen: Este artículo trata de la masculinidad narcisista, propia de la cualidad masculina, cuando se centra en la ilusión de la propia virilidad que se opone a la función masculina en nosotros, que ejecuta y que hace, en la búsqueda del otro, por sentir que por sí solo no es suficiente. Freud eligió el falocentrismo como elemento central de su teoría y pondera que tener o no tener pene, y la amenaza de perderlo, tiene consecuencias psíquicas. Basado en la idea central de Freud, el autor reflexiona que el pene deseado (no el real, físico, palpable), aquel cuya cualidad y función certifica fuerza y seguridad, puede vivir en constante amenaza ante la inseguridad de tener un refugio natural, porque esto va acompañado de la angustia por contener un sentido de pasividad, intrínseco a la búsqueda de aceptación de un continente que lo acoge.

Palabras clave: masculino, femenino, bissexualidad psíquica, diferencia, in/seguridad

The masculine in us, a longed-for and threatening experience

Abstract: This article deals with narcissistic masculinity, characteristic of the masculine quality, when centered on the illusion of its own virility that is opposed to the masculine function in us, which performs and does, in the search for the other, for feeling that it is just not enough on its own. Freud elected phallocentrism as central to his theory and ponders that having or not having a penis, and the threat of losing it, has psychic consequences. Based on Freud's central idea, the author reflects that the desired penis (not the real, physical, palpable one), the one whose quality and function certifies strength and security, can live under constant threat in face of the insecurity of having a natural shelter, as it is accompanied by anguish for containing a sense of passivity, inherent to the search for acceptance of a continent that welcomes it.

Keywords: male, female, psychic bisexuality, difference, in/security

Le masculin en nous, une expérience désirée et menaçante

Résumé : Cet article traite de la masculinité narcissique, caractéristique de la qualité du masculin, lorsqu'elle est centrée sur l'illusion de sa propre virilité qui s'oppose à la fonction masculine qui existe en nous, une masculinité qui s'accomplit et agit dans la recherche de l'autre, en raison du sentiment que cette fonction n'est pas suffisante en soi-même. Freud a élu le phallocentrisme le point central de sa théorie et il discute du fait qu'avoir ou non un pénis, aussi bien que la menace de le perdre, apporte des conséquences psychiques. Fondée sur l'idée centrale de Freud, l'auteure réfléchit que le pénis désiré (et non celui qui est réel, physique, palpable), celui dont la qualité et la fonction attestent la force et l'assurance, peut vivre en constante menace face à l'insécurité d'avoir un abri naturel, car celle-ci s'accompagne de l'angoisse de contenir un sens de passivité inhérente à la recherche de l'acceptation d'un continent qui l'accueille.

Mots-clés : masculin, féminin, bisexualité psychique, différence, (in)sécurité

Referências

- Bion, W. R. (1980). *Aprendiendo de la experiencia* (H. B. Fernández, Trad.). Paidós. (Trabalho original publicado em 1962)
- Bion, W. R. (2004). *Elementos de psicanálise* (P. C. Sandler, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1963)
- Birksted-Breen, D. (1996). *Phallus, pênis e espaço mental*. *Livro Anual de Psicanálise*, 12, 99-106.
- Carneiro, C. & Lazzarini, E. (2018). A bissexualidade psíquica na constituição do sujeito: sobre suas origens e destinos identitários. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 25(3), 585-612.
- Djavan. (1984). Esquinas [Música]. In *Lilás*. CBS.
- Freud, S. (2010). História de uma neurose infantil. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 14, pp. 13-160). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1918)
- Freud, S. (2012). Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 16, pp. 283-299). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1925)
- Freud, S. (2018). Análise terminável e interminável. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 19, pp. 274-326). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1937)
- Gibeault, A. (1998). Feminino e masculino: reflexões sobre o livro de Jacqueline Cosnoer, *Destins de la féminité*. In D. Breen (Org.), *O enigma dos sexos: perspectivas psicanalíticas contemporâneas da feminilidade e da masculinidade* (F. Naufel, M. P. Ferreira & T. Penido, Trads., pp. 173-187). Imago.
- Gornick, V. (2009). *Afetos ferozes* (H. Jahn, Trad.). Todavia.
- Greenson, R. (1998). Des-identificação em relação à mãe: sua especial importância para o menino. In D. Breen (Org.), *O enigma dos sexos: perspectivas psicanalíticas contemporâneas da feminilidade e da masculinidade* (F. Naufel, M. P. Ferreira & T. Penido, Trads., pp. 263-277). Imago.

- Guignard, F. (2009). Entrevista com Florence Guignard: processos identificatórios do masculino e do feminino. *Jornal de Psicanálise*, 42(77), 23-29.
- Klein, M. (1991). Inveja e gratidão. In M. Klein, *Obras completas de Melanie Klein* (B. H. Mandelbaum et al., Trans., Vol. 3, pp. 205-267). Imago. (Trabalho original publicado em 1957)
- Klein, M. (1996a). Estágios iniciais do conflito edipiano. In M. Klein, *Obras completas de Melanie Klein* (A. Cardoso, Trad., Vol. 1, pp. 214-227). Imago. (Trabalho original publicado em 1928)
- Klein, M. (1996b). O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos. In M. Klein, *Obras completas de Melanie Klein* (A. Cardoso, Trad., Vol. 1, pp. 388-412). Imago. (Trabalho original publicado em 1940)
- Paim Filho, I. (2014). A guerra e o repúdio ao feminino: uma releitura da disposição feminina originária. In I. Paim Filho, *Metapsicologia: um olhar à luz da pulsão de morte*. Movimento.
- Perrini, C. M. L. (2015). Algumas considerações sobre a masculinidade e a feminilidade no interior da vida psíquica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 49(4), 155-168.
- Perrini, C. M. L. (2022). O feminino em nós, uma experiência interminável. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 56(1), 168-178.
- Sapienza, A. & Junqueira Filho, L. C. U. (2004). *Fatores de conjunção e disjunção no relacionamento de parceria fértil e criativa* [Apresentação de trabalho]. Bion 2004, São Paulo, SP, Brasil.
- Stoller, R. (1985). *Masculinidade e feminilidade: apresentações do gênero* (M. A. V. Veronese, Trad.). Artes Médicas.
- Vannucchi, A. M. S. (2009). Masculino e feminino: vicissitudes e mistérios. *Jornal de Psicanálise*, 42(77), 65-88.
- Woolf, V. (1978). *Orlando* (C. Meireles, Trad.). Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1928)

Recebido em 21/11/2022, aceito em 15/12/2022

Cleuza Mara Lourenço Perrini
cleuzaperrini@gmail.com